

**TRANSFORMAR OS LIMITES  
EM POSSIBILIDADES  
(Introdução)**



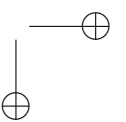
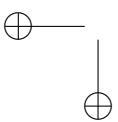
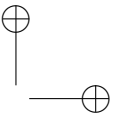
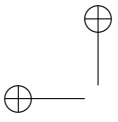
Pedro Vistas

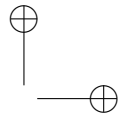
2011

[www.lusosofia.net](http://www.lusosofia.net)



Artigo originalmente publicado em MARQUES, Silvestre, PANÃO, Miguel e VISTAS, Pedro (Coord), (2011), *Transformar os limites em possibilidades: por uma ética ontológica relacional*, Universidade Católica Editora, Lisboa, pp. 9-18, e republicado on-line pela LUSOSOFIA.NET com autorização do autor, o Dr. Pedro Vistas.





LUSOSofia:PRESS

Covilhã, 2012

FICHA TÉCNICA

Título: *Transformar os limites em possibilidades (Introdução)*

Autor: Pedro Vistas

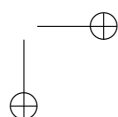
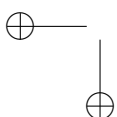
Colecção: Artigos LUSOSOFIA

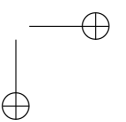
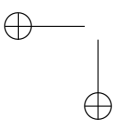
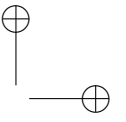
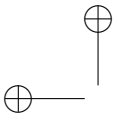
Design da Capa: António Rodrigues Tomé

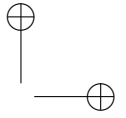
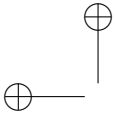
Composição & Paginação: Filomena S. Matos

Universidade da Beira Interior

Covilhã, 2012







# **Transformar os limites em possibilidades (Introdução)**

**Pedro Vistas**

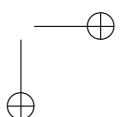
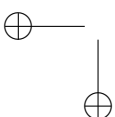
## **Índice**

Ética para Situações-Limite	3
Enquadramento Teórico da Obra	6

## **Ética para Situações-Limite**

### *Definição*

Esta obra, dedicada à Ética para Situações – Limite, pretende um equacionamento ético e meta – ético sobre a multidimensionalidade de aspectos em que no momento hodierno como na estrutura antropológica fundamental, o homem é situado num limite que exija a necessidade de discernir a acção. Deste modo, a reflexão é dirigida aos desafios actuais ante os quais falecem as respostas éticas tradicionais, oferecendo uma proposta coesa, resultante de uma unidade que constituída por diferenças, as transcende. É assim que um grupo plural de investigadores de formações diversas converge

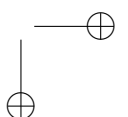
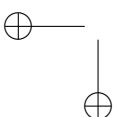


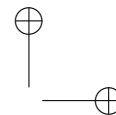
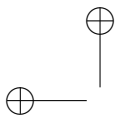


num sopesamento de situações extremas, decorrentes de dimensões como os novos paradigmas científicos, as crescentes possibilidades técnicas, as alterações dos padrões sociais, os recrudescentes problemas ambientais ou ainda, e sem desatender aos contextos conjunturais, as mais imutáveis questões da existência. O contributo fundamental deste equacionamento intenta, mais do que impor uma ética exclusivamente reguladora e limitativa de possibilidades, o esclarecimento discernido e inclusivo dos vários planos e dimensões da realidade humana e existencial, descobrindo assim, na aceitação dos limites históricos e corpóreos intrínsecos, o ilimitado da possibilidade humanal, vertido nas mais concretas variáveis situacionais. A Obra propõe-se ainda ultrapassar as dicotomias ‘filosofia pura/filosofia aplicada’, ‘especulação filosófica/outros equacionamentos disciplinares’, ou ‘conhecimento académico/interesse comunitário’, através de um esforço de síntese unificadora que na dimensão mais radical descobre a sua mais imediata e ampla possibilidade experimentável, que do plexo organizado de várias disciplinas conquista uma plataforma de unidade transdisciplinar, e que assim demanda uma pedagogia realista, interpelante, e de serviço comunitário, com efectivo propósito de transformação social.

### *Pertinência*

Num momento civilizacional de generalizada desreferenciação por mor da fragmentação dos valores, da dispersão das possibilidades ou do desregramento de pensamento em face do afastamento da reflexão profunda, urge realizar um sólido estudo de alcance transdisciplinar que colmate o *deficit* de reflexão e de teorização típicos de muitos estudos contemporâneos, mas que veicule com idêntica consistência os resultados da investigação quer para os grupos académicos de pares, quer para a comunidade num sentido lato, veiculação prevista em modalidades diversas (cursos de

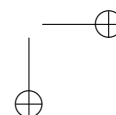
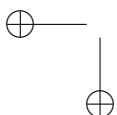




formação avançada, publicações várias, congressos, etc). Este empreendimento permite deste modo responder às inúmeras questões emergentes, e religar a investigação universitária e a comunidade, num concílio que se pretende aumentativo do exercício da liberdade humana.

### *Interesse*

Esta Obra aproveitará a comunidade enquanto proposta de orientação da acção humana e da reflexão sobre a sua integração na diversidade multimoda da existência. Propondo uma ultrapassagem do individualismo e do relativismo moral e intelectual que globalmente grassam nas sociedades, o tema da *Ética para Situações-Limite* lida com as questões mais irrespondidas e angustiantes nos domínios do ambiente e da ecologia, da manipulação genética, do recrudescimento de comportamentos desregrados e de risco para a vida e saúde, do uso de químicos na indústria alimentar, da violação dos mais fundamentais direitos humanos, de comportamentos aditivos quanto a substâncias psicoactivas, das modernas formas de escravatura e de segregação, das questões de segurança ou dos conflitos inter-religiosos. A síntese nesta Obra patenteada apresenta-se como uma oportunidade para esclarecer, mas também como uma interpelação à autonomia, criatividade, e individualidade dos membros da comunidade, numa proposta de trabalho interactivo e diligente que não se esgota nas suas modalidades divulgativas mas que se abre ao Novo e ao inopinado, numa ductilização das estruturas tipicamente rígidas da investigação universitária. A proposta de uma ética dinâmica, apartada das regulações impositivas e hiperbolizadas de determinadas bioéticas, garante o compromisso da comunidade na participação de uma fundamentação sólida e profunda que ilumine o pensamento científico e cultural, na esclarecida observação da sua integração na realidade humana,







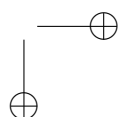
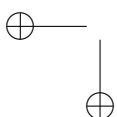
bem como desta na vida maior que o modelo antropocêntrico. Uma renovada e adequada consciência dos limites e das potencialidades da condição humana e da sua acção, será suscitada num estímulo de capacidade crítica própria, distinto repto das tendências normativas mais frequentes. Este ganho de legibilidade da realidade e o respectivo aumento de possibilidades de acção livre e autónoma, estendem-se da academia e da comunidade nacionais aos planos internacionais.

## Enquadramento Teórico da Obra

### *A Ética para Situações-Limite*

A ética equacionada nestes textos é a ética radicalmente entendida, antes das precipitações de uma ciência de costumes descritiva ou de uma qualquer proposta normativa que melhor se diriam de moral. Embora muitas vezes tratadas dentro de uma sinonímia, ética e moral merecem, numa avaliação detida, evidente distinção<sup>1</sup>. Explora-se aqui uma ética fundamental, não no sentido que lhe consagra Heidegger na revisão de *Ser e Tempo* que estabelece na *Carta Segundo o Humanismo*, mas com a proximidade de tentar encontrá-la no profundo domínio do Ser que se descobre na inte-

<sup>1</sup>Afirma Vladimir Jankelevich que a ética é essencialmente autónoma, gratuita, inexplicável e próxima do amor, enquanto que a moral é heterónoma e aproximada à lei. Cf. Vladimir JANKELEVICH, *Le Paradoxe de la Morale*, Editions du Seuil, 1981. Podemos genericamente afirmar que a acção moral é extrínseca ao sujeito, convocando para a lei e para a regra, e que a acção ética se apresenta como interior e dimanada pelo centro essencial do sujeito.





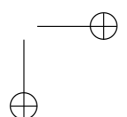
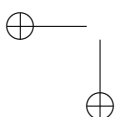
rioridade do acto, nesse fulcro donde emana a acção que é o ser-humano<sup>2</sup>.

Na lição de Manuel Antunes, uma situação-limite é o limite da situação; seguimos esta noção, entendendo que o homem vive, por condição antropológica constitucional, enquanto criatura sempre situacional, no limite extremo da vida. Karl Jaspers afirma que a nossa situação como seres-no-mundo é a situação-limite fundamental a partir da qual se inteligem todas as demais, como o sofrimento, a culpabilidade, a luta ou a morte<sup>3</sup>. Para a linha existencialista em causa, a liberdade é tendente a vencer os seus limites estruturais e a enfrentar o seu fracasso sob a expressão da culpa, mas também do desespero e da angústia por sentir o limite do imanente face ao prenúncio de transcendência que a própria situação-limite porta. Para Jaspers a situação-limite avalia-se pela experiência radicalmente subjectiva e não pelos factos ou determinações exteriores. É assim uma situação que se refere sobretudo a um hori-

---

<sup>2</sup>Se o ser-humano é sempre em acto, desde logo consigo mesmo e com os outros, percebe-se como indemissivelmente ético. Sendo o ser – humano afinal o *homo ethicus*, pode declarar-se que descobre a sua humanidade em acto a partir do seu ser.

<sup>3</sup>Diz Jaspers a propósito: “Estamos sempre em determinadas situações. Estas modificam-se, surgem novas oportunidades; se as desperdiçamos não tornam a oferecer-se. Por mim posso agir para alterar a situação. Há, porém, situações que se mantêm essencialmente idênticas, mesmo quando a sua aparência momentânea se modifica e se oculta a sua força avassaladora: tenho que morrer, tenho que sofrer, tenho que lutar, estou sujeito ao acaso e incorro inelutavelmente em culpa. A estas situações fundamentais da nossa existência damos o nome de “situações-limite”. Quer isto dizer que são situações que não podemos transpor nem alterar. A tomada de consciência destas situações – limites é, após o espanto e a dúvida, a origem mais profunda da filosofia. Na existência comum esquivamo-nos a elas muitas vezes, fechando os olhos e vivendo como se não existissem. (...) Às situações – limites, porém, a nossa reacção é diferente: ou as ignoramos ou, se realmente as apreendemos, desesperamos e readquirimo-nos a nós próprios por uma metamorfose da nossa consciência do ser.” Cf. Karl JASPERS, *Iniciação Filosófica*, Guimarães Editores, 1961, Lisboa, Trad. Manuela Pinto dos Santos, pp. 24 – 25.



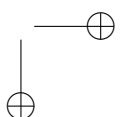
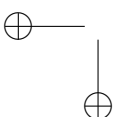


zonte de sentido construído pelo sujeito ao longo da vida porquanto só atinge uma real experiência existencial quando é pelo indivíduo investida de conteúdo e sentido. Da reflexão do filósofo alemão importam-se alguns pontos sem a seguirmos na sua completude, mas a noção de que as situações-limite são momentos críticos<sup>4</sup> que concentram possibilidades de existência genuína é um ponto de trabalho de que não prescindimos. Todavia, apresenta-se-nos neste estudo um horizonte mais lato que permite encontrar a ética nesse avanço limítrofe da vida extremada, mas já como extrema potência ilimitativa da vida.

### *A Ética Relacional*

Este horizonte diferencial que nos permite topar com a ilimitação no limite a que o homem parece votado, ultrapassa, sem desdenhar, os paradigmas pós-modernos como sejam o individualismo de hipertrofia egóica, o ludismo tecnofílico pela *gadgetização* do mundo dos objectos compensadora de uma progressiva dessacralização, a dessignificação de conteúdos pela comunicação sem objecto, a habitação alienada de hiperrealidades ou os relativismos e nihilismos extremos que emergem num mundo que ameaça a dessubstancialização, pela rendição àquela que já foi chamada a lógica do vazio. Antes enveredamos pela exploração de um modo “novo” de ver a vida, não mesmificando o vário mas variando o mesmo, unindo-o, e, surpreendendo-a na própria *structura mundi*, aplicando a fundacional categoria da relação.

<sup>4</sup>Na situação-limite vive-se uma crise (do grego *κρίσις* – ainda do verbo *κρίνω* –), que etimologicamente indica uma discriminação, um julgamento e uma decisão, exigindo assim um claro discernimento. O homem vive em crise por condição inalienável, é isso que o de-fine e é essa a real possibilidade de que dispõe para transfinitar os limites.





Se é um dado que a ética seja intrínseca e inalienavelmente relacional, menos evidente se torna que a relação possa ser estruturalmente ética. Isto torna-se mais entendível se for adiantado que o fulcro, partilhado e comunicante, quer da ética quer da relação em si mesmas, é ontológico. De facto, tanto a ética como a relação são afinal expressões constitucionais (dir-se-ia lógicas) desse fundamento ôntico. São muitos os autores que reflectem sobre a ética a partir da categoria da relação. Se Ricoeur discorre acerca da relação entre o Si-Mesmo e o Outro como primordial e ontológica<sup>5</sup>, Martin Buber percebe que o “Eu” é indiferenciável do Outro, e do Outro não como experiência (Eu-Isso) mas como pura relação (Eu-Tu<sup>6</sup>), declarando que sob as complexidades do racionalismo científico e das abstracções académicas, o facto fundamental da vida humana é a interrelacionalidade. Ainda Ricoeur, tal como Levinas, tem a afirmação lapidar do Outro como constitucional do Si-Mesmo<sup>7</sup>.

A relação é onto-logia desde logo de um ponto de vista gnosiológico uma vez que se torna impossível perceber ou pensar os entes ou o mundo sem a categoria da relação pois a mesma é estruturante quer da percepção quer do pensamento. Mas é objectivamente ôntica também pois independentemente do acto de pensamento que a reconhece<sup>8</sup> ou da perspectiva sob a qual é equa-

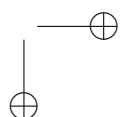
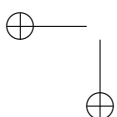
---

<sup>5</sup>Cf. Paul RICOEUR, *Soi – Mêmes Comme un Autre*, Editions du Seuil, Paris, 1990.

<sup>6</sup>É a tensão Ich – Du / Ich – Es, em que o Du se desvela, ultimamente, como Deus. Cf. Martin BUBBER, *I and Thou*, Charles Scribner’s Sons, 1937.

<sup>7</sup>“Le soi ne constitue son identité’ que dans une structure relationnelle qui fait prévaloir la dimension dialogique sur la dimension monologique”. Cf. Paul RICOEUR, *Le Juste*, Editions Esprit, Paris, 1995, p. 14. Esta perspectiva implica ver o Si-mesmo como um Outro mas também o Outro como um Si-mesmo.

<sup>8</sup>Ou seja das operações mentais que estão na base do conhecimento ou do re-conhecimento da categoria da relação.





cionada<sup>9</sup>, a relação parece ser uma dedução inevitável da própria dinâmica natural da realidade<sup>10</sup>. Porém, entender a relação como indistinguível do fundamento último ou da realidade na sua acepção absoluta, não deve anular a realidade das várias relações como mera constatação de cariz gnosiológico, pois que elas participam desse fulcro ôntico sendo dele expressões ontológicas naturais<sup>11</sup>. Mas o que é a relação além da vinculação entre termos, o que é a realidade objectiva e não contingente da relação?

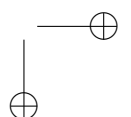
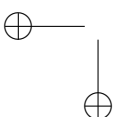
A relação é aqui equacionada não segundo uma mera dinâmica de comunicação entre termos mas, na acepção cristã que assumidamente define os estudos subsequentes, como uma comunhão de fundamento ontológico que se desvenda em Dom experimentado como infinito. A ética relacional é assim indesligável da problemática do Dom, mas menos do Dom-com-retorno (perspectivado pelos estudos precursores da economia do Dom<sup>12</sup>) do que do

<sup>9</sup>A perspectiva formal pode fazer pender a relação para uma realidade mais subjectiva, dependente dos actos de pensamento, ou mais objectiva como dado natural das coisas.

<sup>10</sup>Afirmção que não deve fazer esquecer a densidade problemática em torno deste tema clássico da filosofia, que conta com divisões fundamentais como é exemplo a relação predicamental ou a relação transcendental, a real ou a lógica, ou ainda a relação mútua ou reversível, entre outras que concernem à vasta e complexa análise e classificação das relações. Na linha apreciativa que seguimos a relação é entendida como indistinguível do fundamento e não como mero predicamento ou categoria abstracta apenas. Para se seguir esta problemática que ocupou pensadores como Aristóteles, Agostinho, Tomás de Aquino, Suárez, Escoto, Locke, Kant, Hegel ou Ricoeur, entre tantos outros, deve atender-se ao carácter incontornável da relação, quer como estrutura basilar da vida (no sentido em que tudo é relativo e tudo se relaciona em devir), quer como lei da dialéctica e assim também da própria filosofia que a pondera.

<sup>11</sup>Apartamo-nos deste modo do escrúpulo kantiano que obrigaria a entender todas as relações como sendo de razão, uma vez que o intelecto não reteria leis a priori da natureza mas antes lhas prescreveria ( Proleg., §36 ).

<sup>12</sup>Cf. Macel MAUSS, *Essai sur le Don in Sociologie et Anthropologie*, Puf, 2001. (Estudo inicialmente publicado em L'Année Sociologique, 1923 – 1924).





Dom-sem-retorno (como percebido por Emmanuel Levinas<sup>13</sup> ou por Jean-Luc Marion<sup>14</sup>). Segundo esta última perspectiva, vive-se a experiência-limite do Dom sem retorno através de uma *imitatio Dei* pois que Deus, doando-se aos homens por encarnação, é assinalado como paradigma maior<sup>15</sup>. De facto, o análogo do sacrifício exemplar de Cristo permite peregrinar de diferente modo nesta temática e inteligir a relação amorosa que se faz de abandono ao Outro, compreendendo-se este Outro como um “eu mesmo”. Assim como Cristo se inscreve e vive infinitamente pelo seu gesto na finitude do homem, também deve o indivíduo doar-se em abandono incondicional ao Outro, entendido ainda kantianamente como fim em si mesmo mas numa ligação que se descobre já infinita<sup>16</sup>. É uma ética desmesurada, supondo um infinito Dom na incomensurabilidade gratuita do Amor como propõe Levinas ou, ainda doutro modo, uma ética da medida como indica Marion<sup>17</sup> (a fazer lembrar o clássico justo meio) entre a abstracção do extraordinário que parece inalcançável e a banalização do ordinário que se fecha a impossível.

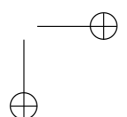
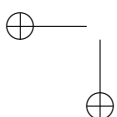
<sup>13</sup>Cf. Emmanuel LEVINAS, *Totalité et Infini – Essai sur l’extériorité* –, La Haye, Martinus Nijhoff, 1961.

<sup>14</sup>Cf. Jean-Luc MARION, *Réduction et Donation – Recherches sur Husserl, Heidegger et la Phénoménologie*, P.U.F., 1989, e *Étant Donnée – Essai d’une Phénoménologie de la Donation* –, P.U.F., 1997.

<sup>15</sup>Trata-se do problema da processão por geração (*ad intra*), remetendo, afinal, para aquela que é uma das mais eloquentes ideias do Deus-em-relação, a do dinamismo intrínseco evidenciado pela Santíssima Trindade. Veja-se a propósito o estudo de José Maria Silva ROSA, *O Primado da Relação. Da Intencionalidade Trinitária da Filosofia*, Universidade Católica Editora, Lisboa, 2007.

<sup>16</sup>Marion admite que o Dom e que a dívida sejam perspectivados pelo agente em si mesmo ao invés de se dicotomizarem no que seria já uma relação comercial de doação com previsão de ganho como é estudada pela antropologia económica do Dom – com – retorno. Não se trata aqui de uma troca mas de uma pura oblação sem mais, aproximando-nos do que, por exemplo no Movimento dos Focolares, é já uma economia de comunhão. Nesta última as trocas comerciais incluem bem relacionais unindo o lucro à gratuidade. Cf. Luigino BRUNI, *A Ferida do Outro – Economia e Relações Humanas*, Cidade Nova, 2010.

<sup>17</sup>Cf. Jean- Luc MARION, *Le Phénomène Érotique*, Grasset, 2003





Esta última tensão, que força uma mediação fora da absolutização desencarnada, irrealista e ainda distante do relativismo banalizador e utilitário, pretende-se testada na situação concreta, diríamos na situação–limite a que o homem é votado. É ainda doutro modo a reflexão de Christos Yannaras<sup>18</sup> que, conciliando a antropologia cristã–ortodoxa com o existencialismo fenomenológico (considerando as tensões natureza/pessoa e fechado–para–si–mesmo/alteridade–em–relação), adverte para a mobilização auto–transcendente de que se compõe a relação com o Outro. A mediação resolutive das tensões supraditas encontra testemunho exemplar na síntese do exemplo crístico, através da sua natureza divina e humana. É assim que se compreende *agir o amor*, partindo da unidade para uma acção unificadora como é exemplo de vida Chiara Lubich na doação de si mesma ao Dom<sup>19</sup>. Trata-se de uma ontologia vivida, actuante e descoberta no próprio acto. É pois na filosofia de matriz cristã que surpreendemos o equacionamento mais maturado da categoria da relação, quer pela concentração resolutive de toda a tradição filosófica precedente e subsequente que do dado Novo do advento se desprende, quer pelo seu irrecusável repto de experiência amorosa que se descobre radicalmente relacional<sup>20</sup>.

### *A Ética como Ontologia Vivida*

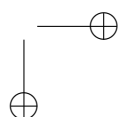
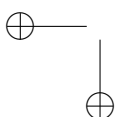
A descoberta da experiência pessoal de Deus e de que *Deus é Amor*<sup>21</sup> conduz do paradigma comunicacional à vivência comunitária através da *communio caritatis* do Corpo Místico de Cristo. É nessa experiência unitiva e sumamente ôntica que se resolvem as

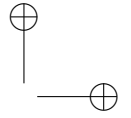
<sup>18</sup>Cf. Christos YANNARAS, *The Freedom of Morality*, New York (SVP), 1984.

<sup>19</sup>Chiara LUBICH, *O Grito*, Cidade Nova, 2000.

<sup>20</sup>“Quem me vê, vê o Pai” (Jo 14, 9).

<sup>21</sup>Cf. 1 Jo 4, 8 – 16.



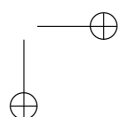
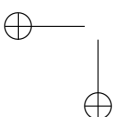


dicotomias clássicas do uno e do múltiplo, do finito ou do infinito, da ipseidade e da alteridade ou da identidade e da diferença uma vez que tudo isso é consubstancial num Deus que é, Ele mesmo, Relação. Entre a opacidade da relação, que surge como inviável tendo em conta os entes separados, e a sua translucidez, apoiada no esteio unitivo do Ser entendido na sua expressão arquetípica de ser-relacional, esta experiência de participação numa matriz ontológica que é relação, elucida o Outro como um outro eu pois é através da relação comunal que o si-mesmo se re-conhece como radicalmente existente, a um mesmo tempo como ente e como Ser.

O Amor, experiência transcendente no mais imanente dos planos (na mais limítrofe das situações), é o próprio Deus, assim experimentável, através da relação em abandono a esse mesmo dinamismo amoroso. Se o Dom jamais aliena do que é essencial, desprivatiza do que possam ser escolhos inessenciais, que obstruam esse fulcro de interioridade donde procedem os actos que é o fundamento ético-ontológico do humano. Trata-se aqui da adesão à animação pelo Espírito Santo que, requerendo doação e abandono, se traduz, misteriosamente, por doação e abandono mas vividos, já, na moção divina originária. Esta pneumatologia amorosa de âmbito essencialmente relacional é a transcensão de todos os limites, ainda que experimentada em situação. É ainda, afinal, a transcendentalização do imanente por via da imanentização do transcendente. Nem é tanto, como na ética tomista, Deus como finalidade última do agir mas a descoberta de Deus na própria acção que já do divino é emanada. Por isso propõe Jean Luc Marion que a celebrada fórmula *crede ut intellegas* possa ser lida como *ama ut intellegas*<sup>22</sup>, pois só o Amor permite, em verdade, inteligir. A ética inere do Amor vivido, é por isso que Agostinho esclarece derradeiramente esta problemática através da admoção *dilige et*

---

<sup>22</sup>Jean-Luc MARION, *Ama para que entendas – A hermenêutica Cristã do Mundo* –, in *Communio* 9 (1992/4), pp. 347-353.







*quod vis fac*<sup>23</sup> na esteira da proposta evangélica do *amai-vos uns aos outros*<sup>24</sup>.

Demais, esta avaliação patrocina o próprio cumprimento ético mas, mais ainda, filo-sófico, pois o *Eros* que impele a *filia* para a *Sofia*, sofre destarte novo e requalificado impulsionamento: de um amor pela filosofia atinge-se enfim a mais plena sabedoria através da experiência sófica que inere do próprio Amor. Esta é a filosofia perene.

---

<sup>23</sup>Cf. S. AGOSTINHO, *Epist. Joann. Tractatus*, VII, 8.

<sup>24</sup>Cf. Jo 15, 12 – 17.

